



GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) -
 Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) -
 Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira
 (Universidade Federal de Juiz de Fora) -
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experiências, práticas e representações diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes questões: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espaço-temporais característicos e sua relação com formas de organização de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferenças nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas relações com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em razão de situações de classe, gênero, localização, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflexões metodológicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em questão podem situar-se no interior de áreas urbanas, rurais ou naturais; ou entre tais espaços. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discussão coletiva pelo diálogo com aquelas reflexões pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que há de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discussão, é a estratégia de analisar as múltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabulários, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

Subidas, descidas e (i)mobilidades: uma análise sobre as práticas e representações adotadas por mototaxistas de Niterói (RJ) em seus deslocamentos e disputas pelo uso do espaço público.

Autoria: Talitha Mirian do Amaral Rocha

Este work propõe analisar as práticas e representações adotadas por mototaxistas nos contextos de deslocamento e disputa pelo uso do espaço público para fornecer seu serviço. Para isso, além da observação direta, desde dezembro de 2016, passei a utilizar esse meio de transporte individual que atende comunidades em Niterói como uma tentativa de experienciar esses universos até então distantes do meu. Na cidade em questão, o mototáxi ainda não se encontra regularizado perante o poder público, por isso, esse tipo de serviço de transporte se encaixa perfeitamente num quadro de expansão da prestação de serviços informais. Não obstante, ao contrário do que se poderia supor, é recorrente entre tais mototaxistas o discurso de que eles não estão em busca de um emprego formal, no sentido literal do termo, mas, sim, do direito de dispor livremente do espaço público para fornecer seu serviço. Nesse sentido, irei enfatizar de que maneira os mototaxistas utilizam de suas mobilidades e de seus deslocamentos cotidianos para demandar seus direitos de uso do espaço público. Cabe mencionar que grande parte dos dados que serão utilizados nesse artigo foram construídos durante o acompanhamento do work dos mototaxistas que se localizam numa praça do centro de Niterói, perto de uma comunidade chamada Morro do Estado. Nesse ponto, além dos 20 mototaxistas serem crias dessa comunidade, a maioria dos passageiros também tem como destino esse Morro. Nesse sentido, também irei abordar como que as subidas e descidas do Morro Estado fazem parte das (i)mobilidades que esses sujeitos são expostos perante as diversas moralidades em jogo. Isso porque, ao menos no plano do senso comum e das heterorrepresentações, o fazer desses mototaxistas tende a ser associado a categorias de acusação, tais como, ilegalidade, marginalidade e criminalidade. Ao observar as experiências de o work dos mototaxistas de Niterói, venho tentando entender quais são as moralidades que informam esse tipo de discurso para, então, cotejá-las com as autorrepresentações dos próprios mototaxistas



sobre seu fazer cotidiano. Por fim, irei diferenciar duas categorias que ora se aproximam, ora se distanciam em minha pesquisa: trânsito e mobilidade. Enquanto a primeira é uma categoria nativa que costuma ser empregada pelos mototaxistas para se referir ao movimento de veículos no espaço público. A segunda me permite ir além da associação com o tráfego viário e se revela uma categoria analítica mais abrangente que a categoria trânsito, posto que ela não diz respeito exclusivamente ao deslocamento físico entre dois pontos, mas, pelo contrário, ela engloba práticas carregadas de sentido e que são marcadas por diferentes relações de poder, fluxos e modos de pertencimento à cidade.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

